



INTERDISCIPLINARIDADE E VIVÊNCIAS PIBIDIANAS: EXTRATO DE UM DOS SUBPROJETOS DO PIBID/UNIVATES

Adriana Magedanz – magedanza@univates.br – Centro Universitário UNIVATES

Jane Herber – jane.herber@univates.br – Centro Universitário UNIVATES

Cristiane Antonia Hauschild – crishauschild@univates.br – Centro Universitário UNIVATES

Dentre as diferentes ações pedagógicas propiciadas pelo Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência do Centro Universitário Univates – PIBID/UNIVATES, financiado pela CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), podemos citar a interdisciplinaridade como um movimento articulador no processo ensino-aprendizagem. Nesse sentido, o subprojeto Interdisciplinar, com atuação no Ensino Fundamental (EF) e no Ensino Médio (EM), iniciado em março de 2014, é voltado para graduandos das diferentes licenciaturas existentes na instituição e oportuniza reflexões e práticas interdisciplinares, contribuindo para uma formação docente mais cooperativa, colaborativa na busca por um ensinar-aprender menos fragmentado. Apresentar um pouco desse contexto é o intuito principal dessa escrita. Estimulados pelas Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica (Resolução CNE/CEB nº 04, 13/07/2010), que estabelece que pelo menos 20% do total da carga horária anual do EF e EM destinar-se-ão aos projetos interdisciplinares criados pela escola, os pibidianos qualificam a formação profissional docente, rompendo com a visão fragmentada da realidade nos currículos escolares. Especificamente no que tange as atividades propostas pelo subprojeto Interdisciplinar Ensino Médio (IEM) do Pibid/Univates, que conta hoje com onze bolsistas de iniciação à docência e três professoras (sendo duas supervisoras e uma coordenadora de área), já é possível visualizar algumas dinâmicas metodológicas diferenciadas, desenvolvidas com algumas turmas de ensino

médio da escola parceira. Trabalhar a interdisciplinaridade sob diferentes óticas é um grande desafio. Não existe dúvida de que somos herdeiros de uma tradição escolar que compartimentaliza os saberes. E, talvez por estarmos tão “disciplinados”, a adesão a um princípio pedagógico que traz tamanha incerteza conceitual, que provoca incômodos na constatação de que, inspirada em Pombo (2005, p.2), ninguém sabe o que é e nem como se faz, consolida a interdisciplinaridade como uma opção metodológica que requer desacomodação, que exige dos envolvidos no processo educacional, “[...] a criação de novos hábitos e atitudes que permitam a curiosidade, o gosto pela cooperação, o interesse pelo saber do outro, o desejo de partilha entre os diversos conhecimentos [...]” (UNIVERSIDADES E INSTITUIÇÕES COMUNITÁRIAS, 2013, p. 24). Buscando abandonar a “zona de conforto” e assumir-se integrante da “zona de risco”, expressões utilizadas por Borba e Penteado (2001) apud Araújo (2005, p.4) para designar situações (im)previsíveis e (in)esperadas no cotidiano do professor, os integrantes do IEM apostam nas perguntas no planejamento das atividades pedagógicas, com o intuito de incitar a curiosidade a fim de buscar alcançar a aprendizagem, de fato, significativa. Nessa caminhada, com enfoque interdisciplinar, normalmente os licenciandos iniciam receosos, temem pelo que não sabem e ficam vislumbrados quando percebem que a rodovia a ser percorrida é de várias pistas, permitindo um trânsito de saberes com itinerários comuns, às vezes apenas em velocidades diferentes. Após a execução de alguns projetos – “Érico & Da Vinci: uma parceria interdisciplinar”, “Pés na Cova: um no cemitério e outro na interdisciplinaridade”, “Gincana Natalina”, “Mundo da Tecnologia na Aprendizagem Interdisciplinar” e “Água: Fonte de Conhecimento Interdisciplinar” – os pibidianos perceberam que “a interdisciplinaridade não nega o valor do olhar disciplinar [...] ela pode ser uma estratégia que permita a conciliação complementar de domínios próprios de diferentes áreas do conhecimento” (UNIVERSIDADES E INSTITUIÇÕES COMUNITÁRIAS, 2013, p. 23). Dessa forma, percebe-se certa flexibilidade pedagógica, oportunizando aos envolvidos um olhar mais abrangente e contribuindo para o desenvolvimento da docência colaborativa. Sabe-se que, para o curto período de análise da proposta, um pouco mais de um ano, os resultados são preliminares, mas é consenso no grupo que as ações decorrentes dessas experimentações iniciais do subprojeto IEM do Pibid/Univates servirão de alicerce

para projeções futuras. Mais do que isso, na busca contínua pelo “aprender a aprender”, ponderar sobre possibilidades educacionais diferenciadas torna-se uma necessidade de um profissional de ensino qualificado. Buscar estabelecer ligações de complementaridade, convergência, interconexões e passagens entre os conhecimentos dos diferentes componentes curriculares é meta contínua e, enquanto professor, experimentar possibilidades de mudança, sem medo de fazer errado, torna-se uma necessidade em prol dos avanços da educação nacional.

REFERÊNCIAS:

ARAÚJO, J. L. *Tecnologia na sala de aula: desafios do professor de Matemática*. Disponível em: <[http://www.mat.ufmg.br/~jussara/artigos/Araujo%20\(2005\).pdf](http://www.mat.ufmg.br/~jussara/artigos/Araujo%20(2005).pdf)>. Acesso em 25 set. 2015.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação Câmara de Educação Básica. *Resolução nº 4, de 13 de julho de 2010*. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&task=doc_download&gid=5916&Itemid=>>. Acesso em: 25 set. 2015.

POMBO, Olga. *Interdisciplinaridade e integração dos saberes*. Liinc em Revista, v. 1, n. 1, março 2005, p. 3-15. Disponível em: <www.ibict.br/liinc>.

UNIVERSIDADES E INSTITUIÇÕES COMUNITÁRIAS. *Extensão nas Instituições Comunitárias de Ensino Superior: Referenciais para a construção de uma Política Nacional de Extensão nas ICES*. XX Encontro Nacional de Extensão e Ação Comunitária das Universidades e Instituições Comunitárias. FOREXT, 2013.